

OLHARES E TRAVESSIAS: EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE UMA ESTUDANTE COM TDAH

Roberta Conceição da Silva dos Santos

Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste -UNIAENE, Brasil.

robertaconceicao332@gmail.com

Jeferson Felipe Gagliato

Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste -UNIAENE, Brasil

jefersongagliato@gmail.com

Resumo: O relato de experiências, aborda reflexão profundamente sensível sobre os desafios e descobertas vivenciados por uma jovem preta com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), no contexto do Ensino Superior. A narrativa, marcada por emoção e autenticidade, transforma-se em um espaço de análise sobre a inclusão, a neurodiversidade e a construção identitária no ambiente acadêmico, revelando que aprender e ensinar são movimentos que se entrelaçam na experiência humana. Ancorado no objetivo de compreender à luz da fenomenologia, as experiências e os sentidos acadêmicos e pessoais de uma estudante TDAH, evidenciando os sentidos que emergem de sua trajetória formativa. Busca-se dar voz ao vivido, revelando como as interseções entre raça, neurodivergente e pertencimento social constitui o percurso educacional. A pesquisa propõe-se a refletir sobre como a vivência subjetiva contribui para a construção de uma identidade docente comprometida com uma prática inclusiva e humanizadora. As experiências pessoais e acadêmicas foram registradas em narrativas reflexivas e, posteriormente, analisadas com base na hermenêutica fenomenológica de Ricœur (2010). Entre os resultados parciais, a pesquisa revela que a trajetória universitária da autora foi marcada por superações constantes. O enfrentamento das dificuldades de concentração, a necessidade de adaptação às demandas acadêmicas e o convívio com estigmas exigiram dela persistência e reinvenção. Contudo, o ambiente universitário também se mostrou um espaço de acolhimento e crescimento, especialmente pelo apoio de professores e colegas sensíveis às suas singularidades. O percurso narrado não é apenas um relato individual, mas um convite à reflexão coletiva educar é acolher a diferença, é construir pontes entre o saber e o ser. Assim, a experiência simboliza a força de quem encontrou, na própria vulnerabilidade, o impulso para transformar a educação em um território de escuta, respeito e esperança.

Palavras-chave: Estudante preta; TDAH; Fenomenologia; Ensino Superior.

Introdução

A inclusão no ensino superior ainda se apresenta como um campo de grande complexidade, permeado por tensões, desafios e constantes debates. Essa discussão se manifesta, sobretudo, na construção e efetivação de políticas públicas e institucionais voltadas à garantia do acesso e da permanência dos estudantes com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento ou altas habilidades. Trata-se, portanto, de uma temática que exige não apenas ações estruturais, mas também um olhar ético e humano sobre o direito de aprender e de pertencer aos espaços acadêmicos.

Nessa perspectiva, compreende-se que a educação inclusiva, conforme aponta Ogasawara (2024, p. 85), “pode ser vista como um instrumento capaz de amenizar as desigualdades por ter como elemento central a convivência igualitária entre todos”. Essa concepção revela uma dimensão profundamente humanizadora do processo educativo, ao reconhecer a diferença como constitutiva da experiência humana e como possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e solidária. Nesse contexto, a criação e o fortalecimento de Núcleos de Acessibilidade e Inclusão nas universidades representam não apenas avanços institucionais, mas também respostas concretas às demandas emergentes de uma comunidade acadêmica plural e diversa.

Os dados recentes do Censo da Educação Superior, referentes ao período de 2014 a 2024, evidenciam transformações significativas no cenário educacional brasileiro. As estatísticas sobre o número de matrículas de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação revelam tanto o impacto positivo das políticas inclusivas quanto os desafios ainda existentes. Entre 2014 e 2024, o número de estudantes matriculados nessas condições passou de 33.377 para 95.572, representando um aumento expressivo. Em termos proporcionais, o percentual em relação ao total de matrículas nos cursos de graduação evoluiu de 0,4% para 0,9% (Brasil, 2025).

O crescimento, entretanto, não se deu de forma linear. Houve períodos de estagnação e até pequenas retrações como em 2016, seguidos por avanços mais intensos, sobretudo entre 2019 e 2024, quando as políticas de acessibilidade e a ampliação do debate público sobre inclusão ganharam maior visibilidade e concretude. Esse movimento revela um processo dinâmico e inacabado, marcado por conquistas, resistências e contradições que exigem contínua reflexão e ação crítica por parte das instituições de ensino, dos gestores e dos profissionais da educação.

Diante desse panorama, o relato de experiência propõe a refletir sobre as trajetórias inclusivas no Ensino Superior a partir da vivência singular de uma jovem preta, estudante de Pedagogia no Centro Universitário Adventista do Ensino do Nordeste (UNIAENE), diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A sua voz expressa, de maneira sensível e autêntica, as tensões, as descobertas e as estratégias de superação construídas no cotidiano acadêmico, permitindo compreender como o processo formativo pode contribuir para a constituição de uma identidade docente comprometida com práticas inclusivas, críticas e transformadoras.

A análise aqui desenvolvida busca ir além da mera constatação estatística. Mas, situando a inclusão como um movimento vivo, atravessado por histórias, afetos e lutas cotidianas. Entende-se que a educação inclusiva não se limita à adaptação de estruturas ou apenas de criação de políticas específicas, mas implica um compromisso coletivo com a dignidade humana, com o reconhecimento das diferenças e com a valorização de cada sujeito em sua singularidade. Nesse horizonte, pensar a inclusão é também repensar o próprio sentido da universidade com espaço que se constrói, permanentemente, na escuta, no diálogo e na responsabilidade social de garantir que todos possam aprender, ensinar e pertencer.

Tecendo sentidos: percurso metodológico

O presente estudo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, orientado pela perspectiva fenomenológica, com o propósito de compreender, em profundidade, as experiências vividas por uma estudante negra com TDAH no contexto do Ensino Superior. Mais do que descrever fatos ou levantar dados objetivos, este percurso busca visibilizar a voz e o vivido, permitindo que a experiência subjetiva, marcada por interseções étnico-raciais e cognitivas, se revele em sua complexidade, sutileza e potência.

A fenomenologia, enquanto caminho metodológico, oferece uma via de acesso ao sentido das experiências humanas, possibilitando que o pesquisador se aproxime do fenômeno tal como ele se mostra. Heidegger (2005, p. 87) nos convida a refletir que “ser-no-mundo não é apenas estar presente em um lugar, mas relacionar-se autêntica ou inautenticamente as possibilidades que o mundo oferece”.

A partir dessa compreensão, a pesquisa permitiu explorar as dimensões da adaptação acadêmica, o enfrentamento de barreiras institucionais e as intersecções entre identidade racial e condição neurodivergente. O enfoque fenomenológico convida a um olhar que acolhe o singular e o vivido, reconhecendo o papel da subjetividade na produção de conhecimento.

Fornari (2009, p. 46), reforça essa perspectiva ao afirmar que “A fenomenologia ressalta a ideia de que o mundo é criado pela consciência, ou seja, reforça a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento”.

A narrativa foi realizada a partir do registro sistemático de experiências pessoais, tanto cotidianas quanto acadêmicas, documentadas por meio de narrativas reflexivas. Esse processo não se limitou à mera descrição de fatos, mas buscou captar os significados que emergem do vivido aquilo que se revela nas entrelinhas da experiência, nos gestos, nas emoções e nos silêncios. As narrativas, posteriormente analisadas à luz da hermenêutica fenomenológica de

Ricouer (2010), foram interpretadas de modo a evidenciar os sentidos que se manifestam na experiência concreta do sujeito, sem recorrer a generalizações ou reduções.

Ao adotar uma abordagem autorreflexiva, o estudo se constitui também como espaço de resistência e de afirmação. A narrativa pessoal torna-se instrumento de análise e de revelação, evidenciando as estratégias de permanência, os desafios enfrentados e os modos de ressignificar a própria trajetória acadêmica.

Entre olhares e travessias: narrar-se para existir como espaço de reconhecimento e formação

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), é uma condição de natureza neurobiológica que se manifesta, sobretudo, por meio de dificuldades de atenção, impulsividade e níveis elevados de agitação. Trata-se de um dos transtornos mais recorrentes durante a infância e a adolescência, afetando de maneira direta o cotidiano escolar de inúmeras crianças e jovens. Contudo, é fundamental compreender que o TDAH, vai muito além de um simples conjunto de comportamentos inquietos ou desatentos. Representa uma expressão legítima da diversidade neurológica humana, uma forma singular de perceber, sentir e interagir com o mundo.

Piedade (2024, p. 28), chama atenção para a necessidade de compreender a neurodiversidade como parte constitutiva da experiência humana. Segundo a autora:

A neurodiversidade implica em reconhecer que os seres humanos possuem dons e perspectivas singulares, que elas podem gerar tanto sofrimento, como potencial de valor social, econômico e cultural. A problemática da neurodiversidade envolve estratégias de tratamento personalizadas que valorizem interesses, aptidões e referências de cada grupo ou pessoa.

No campo educacional, especialmente na Educação Superior, a temática do TDAH, mobiliza a repensar profundamente as práticas pedagógicas e as formas de organização do ensino. O currículo, ainda fortemente ancorado em modelos padronizados, nem sempre contempla as necessidades específicas de estudantes com esse perfil. Essa rigidez curricular acaba gerando barreiras significativas ao processo de aprendizagem, comprometendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional e o social, que muitas vezes se veem marginalizados ou incompreendidos dentro do espaço Universitário. Reconhecer o TDAH e sua pluralidade, torna-se uma das formas de aprender e de existir. O modo de processar

informações variam de pessoa para pessoa, e que cada sujeito traz em si um universo de potencialidades que precisam ser acolhidas e valorizadas.

É importante destacar que o TDAH, não se manifesta de maneira única. Ele pode apresentar-se em diferentes níveis e combinações de sintomas, exigindo uma atenção individualizada por parte dos educadores e das famílias. Segundo Piedade (2024, p. 29), os principais sintomas são:

Desatenção: dificuldade em manter o foco em detalhes, cometimento de descuidos, desorganização e esquecimento de compromissos ou responsabilidades; Hiperatividade: inquietação constante, dificuldade em permanecer parado, falar excessivamente, interromper os outros e agir sem refletir sobre as consequências; Impulsividade: tendência a tomar decisões precipitadas, dificuldade em esperar a vez e em seguir instruções ou regras.

Compreender esses aspectos é um passo essencial para romper com os estigmas historicamente associados ao TDAH. Mais do que um diagnóstico, essa condição revela uma forma diferente de estar no mundo, que exige da escola e de toda a sociedade um olhar mais empático, acolhedor e comprometido com a diversidade humana. Assim, Santos (2013, p. 122) define que, “a inclusão educacional de estudantes com deficiência no Ensino Superior pode oportunizar mudanças na rota da formação universitária, por provocar o encontro com a diversidade humana representada por quem vive a condição de deficiência.”

Sou Roberta Santos, tenho 23 anos, uma pessoa preta. Estudante do 8º período do curso de Pedagogia e resido na cidade de Maragogipe, localizada no Recôncavo Baiano. Uma região marcada por suas tradições, sua cultura vibrante e seu povo acolhedor. Convivo com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), condição que, ao longo da vida, me ensinou a olhar para o mundo de forma sensível e atenta às particularidades de cada ser humano. Amo estudar, aprender e descobrir novas possibilidades de conhecimento; o “saber mais” sempre me impulsionou a seguir, mesmo diante das adversidades. Tenho uma paixão especial pela Educação Especial e Inclusiva é nesse campo que encontro sentido e propósito, pois acredito profundamente que a educação deve ser um espaço onde cada indivíduo possa se reconhecer e ser reconhecido em sua singularidade.

Ao observar a vida e seus encantamentos, gosto de celebrar o cotidiano e as pequenas conquistas. Amo viver. Contudo, há momentos em que o silêncio se faz necessário, especialmente quando estou estudando. Ambientes barulhentos e com muito movimento podem se tornar um verdadeiro desafio para mim. Desde a infância, percebo o quanto o TDAH interfere nesse processo de concentração.

Mesmo sem compreender exatamente o que acontecia comigo, sentia que havia “algo de diferente”. Enquanto meus colegas pareciam estudar, ler ou fazer provas com naturalidade, eu me via inquieta, facilmente distraída, lutando contra pensamentos que se dispersavam diante do menor estímulo externo. Essa dificuldade, que antes me causava frustração, hoje é compreendida como parte da minha forma de ser e de aprender e, por isso mesmo, tornou-se também uma fonte de empatia em minha trajetória como futura educadora.

Tecendo a narrativa, percebo que minha infância foi marcada por uma curiosidade constante e por um amor genuíno pelo aprendizado. Nunca tive grandes dificuldades cognitivas sempre gostei de ler, de perguntar, de investigar o que não entendia. O ato de aprender era, e ainda é, algo prazeroso e essencial na minha vida. Entretanto, dentro da sala de aula, a inquietude sempre se fez presente. Eu me levantava com frequência, conversava com os colegas e me distraía com facilidade. As professoras, entre olhares de paciência e preocupação, tentavam encontrar estratégias para manter minha atenção. E, embora o interesse pelos estudos fosse autêntico, eu travava uma batalha interna entre o desejo de aprender e a dificuldade de controlar o impulso de me mover, de falar, de reagir a cada estímulo do ambiente.

Essa trajetória, hoje compreendida à luz da reflexão, como nos ensina Josso (2004, p. 40):

[...] Através de minha História, me apresento ao outro e exponho minhas representações, meus valores, conhecimentos e diferentes classificações dos acontecimentos que considero simbólicos em minha vida. Para construir minha narrativa utilizo-me uma reflexão sobre mim mesmo e sobre o modo como vou expor minhas questões, trazendo aí uma oportunidade para (re)formular propósitos para a minha trajetória pessoal e profissional.

Assim, ao narrar minha própria história, não busco apenas rememorar acontecimentos, mas também compreender de que forma essas experiências contribuíram para a construção da mulher, estudante e futura educadora que sou hoje.

Recontar minha trajetória é um exercício de reconhecimento de entender que cada desafio enfrentado ao longo do caminho foi, de alguma maneira, essencial para fortalecer minha identidade e reafirmar meu compromisso com uma educação mais humana, inclusiva e sensível às diferenças. Aprendi, com o tempo, que o TDAH, não define quem eu sou, mas me ajuda a enxergar o mundo com outros olhos. Visualizar o potencial de cada aluno, mesmo quando o sistema ainda insiste em rotular e limitar. Essa consciência me impulsiona a seguir, acreditando que a verdadeira educação é aquela que acolhe, compreende e transforma vidas inclusive a minha própria.

Evocar a temática provocativa apresentada neste relato de experiência é, inevitavelmente, colocar-me no centro do movimento de discussão e, ao mesmo tempo, revisitar um percurso que marcou minha trajetória pessoal e profissional. Relembrar os desafios e dilemas enfrentados na educação básica e, posteriormente, na educação superior, é mais do que uma simples rememoração de fatos, é um exercício de autoconhecimento, de ressignificação e de reconhecimento daquilo que me constitui como sujeito em constante transformação. Nesse movimento de experiência, evidencia-se que “acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (Larrosa, 2019, p. 32).

Durante o Ensino Fundamental I e II, trago comigo lembranças vívidas das reuniões escolares em que minhas professoras, após conversarem com a minha mãe, expressavam uma espécie de dualidade em relação a mim. De um lado, vinham os elogios pelas notas, pela dedicação e pelo empenho nos estudos; de outro, surgiam os comentários sobre minha dificuldade de manter a concentração durante as aulas, especialmente quando algo, ainda que simples, desviava minha atenção. Lembro-me de como minha inquietação, muitas vezes, acabava interferindo na dinâmica da turma e prejudicava o andamento das atividades. Era um desafio diário conseguir concluir uma tarefa, terminar uma cópia de texto ou concentrar-me em uma prova. Qualquer som, movimento ou mesmo o ruído de uma página sendo virada, bastava para me tirar do foco.

Hoje, ao rememorar essas vivências, encontro eco nas palavras de Larrosa (2011, p. 6), ao afirmar que “o lugar da experiência sou eu [...] é em mim onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar”. Percebo que, desde cedo, a escola foi um espaço de descobertas, mas também de confrontos internos, nos quais eu me via constantemente em luta entre o desejo de aprender e as limitações que, à época, nem eu nem meus professores compreendíamos completamente.

Por muito tempo, escutei rótulos que, hoje, reconheço como fruto de um desconhecimento sobre determinadas condições cognitivas e comportamentais. Palavras como “lerdo”, “distraído”, “preguiçoso” ou “sem foco” eram comumente utilizadas para descrever o que, mais tarde, seria diagnosticado como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O diagnóstico veio após uma consulta com uma especialista, e foi, de certo modo, um alívio. Uma explicação para aquilo que me acompanhava desde a infância. No entanto, apesar do diagnóstico, o acompanhamento profissional não foi realizado de maneira adequada, possivelmente pela dificuldade de acesso aos serviços especializados na época.

Essa ausência de acompanhamento refletiu em diversos aspectos da minha formação, mas também me ensinou, ainda que de forma dolorosa, sobre resiliência e autocompreensão. Como bem observa Gagliato (2023, p. 24), “o ato de narrar a nossa história vai além da mera exposição de nós mesmos; também implica na constituição ativa da nossa identidade. Ao refletir sobre as experiências que consideramos simbólicas em nossas vidas e classificá-las, estamos construindo quem somos.” Assim, revisitar essas memórias não é apenas uma tentativa de narrar o passado, mas uma forma de compreender quem sou hoje e o quanto cada experiência contribuiu para a construção da minha identidade pessoal e profissional.

Ao ingressar no Ensino Superior, a educação continuava a ocupar um lugar central nas minhas aspirações, embora o curso de Pedagogia, à primeira vista, não estivesse entre minhas opções iniciais. Desde sempre, meu interesse esteve voltado à Educação Inclusiva, especialmente à área da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aos 18 anos, consegui ingressar em um curso de licenciatura em LIBRAS, em uma instituição privada, por meio do ProUni. A conquista, que representava um grande passo em direção aos meus sonhos, foi interrompida após três semestres, por motivos de força maior. Esse rompimento abrupto trouxe consigo um turbilhão de sentimentos, frustração, tristeza e, sobretudo, a sensação de impotência diante das circunstâncias.

Recordo-me de noites longas, marcadas por lágrimas e desânimo, em que parecia não haver saída possível. Ainda assim, em meio ao caos emocional, surgiu a esperança: com o apoio de pessoas generosas e acolhedoras, tentei solicitar novamente minha chave do ProUni para me matricular em outra instituição. Foi um processo difícil, repleto de idas e vindas, e, apesar de todos os esforços, a tentativa não se concretizou. Por algum tempo, acreditei que aquele sonho havia se perdido para sempre. Delory-Momberger (2008, p.37), afirma que: “É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história à nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Contudo, a vida, em sua imprevisibilidade, encontrou uma forma de me surpreender. Uma dessas pessoas especiais, foi alguém que acreditava em mim mesmo quando eu já não acreditava mais. Apresentou-me uma alternativa. Ela me incentivou a possibilidade de cursar Pedagogia de forma presencial. Além disso, assegurou que eu teria transporte gratuito fornecido pela prefeitura do município onde resido e, ainda, a oportunidade de um emprego que me permitiria custear os estudos. Naquele momento, entre o medo e a esperança, senti-me

profundamente acolhida. Foi como se, depois de tantas quedas, alguém estendesse a mão e dissesse: “você pode recomeçar”.

A decisão de ingressar no curso de Pedagogia representou, para mim, não apenas uma mudança de rota, mas um recomeço marcado por amadurecimento e autodescoberta. Se antes o caminho parecia incerto, aos poucos ele se tornou um território fértil de aprendizado, onde pude compreender que o sentido da educação vai muito além das paredes da sala de aula. Se revela, sobretudo, nas relações humanas que construímos, nas histórias que carregamos e na coragem de reescrevermos nossas próprias trajetórias. Poker, Valentim e Garla (2018, p. 129),

As condições de acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino superior não implica apenas a construção de espaços fisicamente acessíveis, mas também recursos pedagógicos (livros, equipamentos, instrumentos etc.), informações para a comunidade técnico-administrativa, instruções e/ou capacitação aos professores e apoio institucional. Portanto, há que se proporcionar uma mudança no *modus operandi* de uma instituição no seu fazer tradicional tanto no ensino, na pesquisa e na extensão quanto na infraestrutura oferecida a toda a comunidade docente, discente e administrativa.

Essa reflexão nos convoca a repensar a própria essência das instituições educativas, que precisam ultrapassar a lógica burocrática e funcional para assumir, de fato, uma postura humanizadora. A inclusão não deve ser compreendida como concessão ou adaptação, mas como reconhecimento do direito de todos à aprendizagem significativa e à convivência respeitosa. Isso exige sensibilidade, escuta ativa e comprometimento coletivo dimensões que se constroem no cotidiano, no diálogo e na prática.

Resultados e discussão

O percurso formativo relatado revelou-se uma experiência de autodescoberta e reconstrução identitária, marcada por desafios, superações e ressignificações. A vivência universitária no curso de Pedagogia proporcionou não apenas o amadurecimento acadêmico, mas, sobretudo, o reconhecimento de que a trajetória pessoal, quando entrelaçada à formação docente, torna-se potente instrumento de reflexão e transformação. Ao revisitar memórias da infância e compreender o impacto do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), em meu processo de aprendizagem, percebi que cada obstáculo vivido contribuiu para a construção de uma sensibilidade pedagógica pautada na empatia e no respeito às singularidades humanas.

Durante o curso, os desafios foram constantes. A exigência de concentração prolongada, as leituras extensas e o volume de atividades acadêmicas demandavam de mim estratégias diferenciadas para que o aprendizado acontecesse de forma significativa. Essa experiência reforçou a necessidade de compreender que o processo educativo é profundamente subjetivo e que não há um único caminho para aprender. A partir dessa vivência, pude perceber que a presença do TDAH não limita as possibilidades de formação; ao contrário, desperta uma consciência mais ampla sobre o papel do educador na inclusão e na valorização da diversidade neurológica.

A convivência com colegas e professores sensíveis às minhas particularidades mostrou-se um dos principais resultados dessa jornada. A troca de saberes e afetos permitiu-me desenvolver confiança e autonomia, ressignificando o olhar sobre minhas próprias dificuldades. Ao observar e refletir sobre práticas inclusivas nas escolas durante os estágios, compreendi que a verdadeira inclusão vai além de adaptações curriculares: ela se materializa no reconhecimento do outro como sujeito singular, digno de atenção e acolhimento. Essa constatação consolidou a compreensão de que a docência não é apenas uma prática técnica, mas uma ação ética, estética e afetiva.

Os resultados mais significativos emergiram da intersecção entre teoria e experiência. As leituras sobre educação inclusiva e os debates em sala de aula tornaram-se ainda mais vivos quando confrontados com minha própria história. Percebi que falar sobre inclusão sem vivenciá-la é um discurso incompleto. A experiência pessoal com o TDAH tornou-se, portanto, um espaço de escuta e compreensão das múltiplas formas de ser e aprender, fortalecendo em mim o compromisso com uma prática pedagógica que acolha, compreenda e incentive o potencial de cada estudante.

A partir dessa vivência, foi possível compreender que a docência, mais do que ensinar, é um constante exercício de aprendizagem. O professor que compreende o valor das diferenças humanas constrói pontes entre o conhecimento e a vida, entre a escola e o sujeito, entre o ensinar e o sentir. Nesse sentido, os resultados dessa caminhada apontam para uma formação docente que ultrapassa os limites do currículo formal e se enraíza na experiência viva, na escuta e no afeto.

Portanto, discutir o TDAH a partir de uma perspectiva experiencial é reconhecer que a educação inclusiva começa quando o educador aprende a enxergar o aluno não pela falta, mas pela possibilidade. E é justamente nesse reconhecimento que a minha trajetória pessoal se

entrelaça à minha vocação docente: compreender que educar é, antes de tudo, um ato de amor, de acolhimento e de fé na capacidade transformadora de cada ser humano.

Considerações finais

Encerrar este relato é, ao mesmo tempo, revisitar caminhos e reafirmar aprendizados. A experiência narrada mostrou que a trajetória acadêmica e pessoal não se constrói sem desafios, mas é justamente neles que o sujeito encontra a força necessária para se (re)inventar. Viver com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e, ao mesmo tempo, trilhar o percurso na Pedagogia foi uma jornada de autoconhecimento, superação e reconhecimento da importância de uma educação que valorize as diferenças e compreenda o estudante em sua totalidade.

A docência, nesse sentido, tornou-se para mim, um espaço de encontro entre o pessoal e o profissional, entre o que vivi e o que ainda sonho transformar. As dificuldades enfrentadas ao longo da formação não foram obstáculos, mas lições que despertaram um olhar mais sensível para o outro e para mim mesma.

Este percurso reafirma a urgência de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade neurológica e emocional presente nas salas de aula. A inclusão não é apenas uma exigência legal ou institucional, mas um compromisso ético com a humanidade. Assim, concluo que educar é um ato de coragem e amor coragem para desconstruir padrões e amor para compreender que cada sujeito carrega em si uma maneira singular de aprender, sentir e existir.

Referências

BRASIL. **Censo da educação superior 2024**. Brasília: Inep/MEC, set. 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2024/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2024.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FORNARI, Liege Maria Sitja. **Uma maneira singular de estar no mundo**: ser professor. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

GAGLIATO, J. F. **Constituição da identidade docente de bacharéis em engenharia**: narrativas do habitar a docência na universidade, 2023, 159 f., Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.



HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga Neto. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. 4. reimp. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

OGASAWARA, Jenifer Satie Vaz. **Pessoa com deficiência a tornar-se professor(a)**: narrativas sobre a formação docente. Orientadora: Luciene Maria da Silva. 2024. 236 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação (DEDC), Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/6046> . Acesso em: 25 mar. 2025.

PIEDADE, Érika. **Neurodiversidade do TDAH**: sentidos, difusão e visibilidade social. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

POKER, R. B.; VALENTIM, F. O. D.; GARLA, I. A. Inclusão no ensino superior: a percepção de docentes de uma instituição pública do interior do estado de São Paulo, **Rev. Psic. Esc. e Educ. São Paulo**, Número Especial, 127-134, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v22nspe/2175-3539-pee-22-spe-127.pdf> Acesso em: 08 de out. 2025.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Jaciete Barbosa. **Preconceito e Inclusão**: Trajetórias de estudantes com Deficiência na Universidade. Salvador 2013. 399f.: il Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013. Disponível em <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/2612>. Acesso em 20 jan. 2025.